



CAPÍTULO 2

UM ORIENTE INSÓLITO E MARAVILHOSO: ADMIRATIO E AS REAÇÕES FRENTE AOS ANIMAIS NA OBRA VIAGENS DE JEAN DE MANDEVILLE

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9692517092>

Jorge Luiz Voloski
Doutorando- PPH/UEM
Laboratório de Estudos Medievais- LEM
Maringá- Paraná
<https://orcid.org/0000-0003-3799-9578>
<http://lattes.cnpq.br/1633673237623138>

RESUMO: Nesse capítulo, buscamos compreender o entendimento do Oriente na obra *Viagens de Jean de Mandeville*, em especial no que diz respeito aos animais viventes naquelas regiões. Redigido em meados do século XIV, o livro narra o deslocamento de um cavaleiro, denominado Jean de Mandeville, por terras asiáticas. Mesclando as informações de diferentes livros de viagens, bem como o conhecimento herdado da Antiguidade, a obra, tida atualmente como baseada em um deslocamento imaginário, não apenas realiza um acoplado do conhecimento, mas também adicionava novas percepções sobre àquelas regiões. Assim, ela apresenta um mundo singular, construído mediante aspectos reais e imaginários. Portanto, em nossa análise, partiremos da concepção do autor do maravilhoso, o qual, além de constituir um importante ponto na construção do conhecimento da natureza no período, também estava relacionado às diferentes sensações, como o medo e o prazer. Assim, não olharemos como diferentes as criaturas atualmente tidas como reais, a exemplo dos elefantes, e as irreais, como os dragões e grifos.

PALAVRAS-CHAVE: Viagem; Maravilhoso; Jean de Mandeville

INTRODUÇÃO

Após o ano mil, o número de viajantes do Ocidente em direção ao Oriente Próximo cresce significativamente. Esse movimento deve-se às transformações ocorridas na Europa e que possibilitaram tais deslocamentos, como o aumento populacional, o crescimento da produção agrícola e do comércio, a expansão das cidades etc., bem como a intenção da Igreja em ampliar os domínios do cristianismo. Assim, indivíduos de diferentes grupos sociais rumavam ao Oriente movidos por questões religiosas, como os peregrinos e os cruzados, outros, à procura de produtos de luxo para comercializar, além daqueles que se aventuraram com o objetivo de conhecerem locais e paisagens diferentes. Dessa forma, como observa Joaquín M. Córdoba Zoilo, pouco a pouco os europeus vão recuperando o fascínio pelas terras asiáticas e suas riquezas, marcadas, entre outras coisas, por tecidos de luxo e pela diversidade cultural e geográfica (Córdoba Zoilo, 2007).

Em meio a esse movimento, contudo, as regiões mais distantes de Jerusalém ainda permaneciam desconhecidas aos europeus. Isso começa a mudar em meados do século XIII, com a chegada dos mongóis. Oriundos das estepes asiáticas, o povo mongol foi visto inicialmente com receio, haja vista as devastadoras investidas à Polônia e à Hungria durante o ano de 1242. Porém, com o abrupto fim dos ataques no mesmo ano, os contatos diplomáticos aumentaram, levando os mongóis a passarem de inimigos a possíveis aliados dos cristãos contra os mulçumanos. Soma-se a esse fato, incentivos como a segurança proporcionada pelos mongóis ao longo de suas estradas, além dos estímulos aos deslocamentos de mercadores e religiosos. São fatores que contribuem para compreender o aumento de viajantes ocidentais a terras antes pouco conhecidas.

Assim, de meados do século XIII até finais do século XIV, o Oriente Próximo e o Extremo Oriente, atraíram viajantes europeus, que, ao regressarem, se deparavam com um público curiosos por saber a respeito dos lugares distantes e exóticos no imaginário ocidental. Nesse contexto, foram escritas obras como a do mercador Marco Polo e a do franciscano Odorico de Pordenone, as quais tiveram ampla propagação nos diferentes meios sociais. Contudo, com o início da desagregação do Império Mongol em meados do século XIV, o número de itinerantes europeus diminuiu, ao contrário do desejo do público em saciar sua curiosidade. Esse momento foi propício para o surgimento de relatos de viagens como o *Libro del conocimiento de todos los reinos* e *Viagens de Jean de Mandeville*.²

Ambas as obras caracterizam como relatos de viagens imaginárias e ao compô-las, os autores se utilizaram de informações disponibilizadas por viajantes reais, ao mesmo tempo em que se baseavam na imagem de um Oriente oriundo da tradição clássica, que descreviam aquelas regiões como locais onde predominava

o maravilhoso, algo não muito diferente dos registros dos itinerantes verídicos. Conforme destaca Paulo Lopes,

[...] “os relatos ditos ‘reais’ estão, na Idade Média, repletos de fantasias, ao passo que os relatos classificados como ‘fictícios’ contêm vastas passagens recheadas de informações verídicas, fruto da experiência do autor ou recebidas de alguém que viajou e registrou, ou transmitiu oralmente, o seu périplo (Lopes, 2006, p. 7).

Dessa forma, Jean de Mandeville pode ser compreendido como um viajante, o qual possui a especificidade de organizar sua peripécia mediante o uso de outras fontes do período. A organização da obra, conforme esclarece Josephine Bennett, resulta da adição, mudança e refinamento de outros livros, não ignorando as maravilhas oriundas da tradição clássica antiga, nem as descritas pelos itinerantes do período. Ademais, a autora destaca o fato de o cavaleiro, além de enriquecer sua narrativa incluindo relatos religiosos e contos, apresentar a experiência de um itinerante que, ao invés de desonesto, se apresenta como um personagem literário (Bennett, 1953, p.53).

Esse personagem, no prólogo, afirma ser um cavaleiro, autodenominado Jean de Mandeville, cuja origem remete à Inglaterra, mais especificamente, a cidade de St. Albans. Sem especificar o ano de seu nascimento, declara, então, que em 1322 iniciou uma jornada em direção às terras localizadas no além-mar, ou seja, na Ásia. Já no final da obra, o suposto cavaleiro informa o motivo de ter regressado à Cristandade em 1356, devido a uma artrite gotosa, tendo permanecido 34 anos naquelas regiões. No período em que permaneceu naquelas regiões, declara ter servido como soldado, tanto para o Sultão quanto para o Grande Cã, e percorrido diferentes países e reinos, como:

[...] Turquia, Armênia, a Pequena e a Grande, pela Tartária, Persia,

Síria, Arábia, egito, o Alto e o Baixo, pela Líbia, pela Caldeia, e por

grande parte da Etiópia, pela Amazônia, pela Índia, a Menor e a

Maior; e passei por muitas outras ilhas que circundam a Índia, onde

habitam diversos povos, com costumes, religiões e aparências

diferentes. Dessas terras e ilhas falarei mais detalhadamente adiante

(Mandeville, 2007, p. 35).

Nesses lugares, Jean de Mandeville declara ter visto muitas maravilhas, criando um mundo à sua maneira. Para Donald R. Howard, esta criação foi organizada de maneira suficiente para ser levada a sério por diferentes personagens do período, a exemplo de Cristovão Colombo, Thomas More e Jonathan Swift, mesmo com suas descrições tidas atualmente como maravilhosas e imaginárias. Isso ocorre, segundo

o autor, devido ao fato da obra estar associada à mentalidade da época, que pouco duvidava da existência de dragões, gigantes e outros monstros habitando as terras longínquas (Howard, 1971).

Dessa forma, no presente capítulo, analisaremos a construção da imagem do Oriente na obra, *Viagens de Jean de Mandeville*. Para tanto, partiremos, sobretudo, da sua compreensão de maravilho ao descrever aquelas regiões, destacando as descrições de alguns animais e a sensação de admiração que o contato com tais criaturas proporcionam ao personagem.

O MARAVILHOSO E O ADMIRATIO NA IDADE MÉDIA

Com relação à ideia de maravilhoso na Idade Média, é importante destacar o fato de não observarmos na literatura uma concordância, ao contrário, se observa a presença de vários discursos. Do mesmo modo, não existe um termo que designe uma categoria estética, intelectual, científica ou mental daquilo que é chamado atualmente de maravilhoso. De acordo com Jacques Le Goff, na Idade Média, se utilizava adjetivos, como exemplo, *mirabilis*, para caracterizava coisas insólitas, bem como o substantivo feminino *mirabilia*, que ao ser empregado, pouco carregava a ideia de uma categoria ou um tipo de realidade, mas sim um conjunto de seres, fenômenos e objetos identificados por serem surpreendentes.

De acordo com Jacques Le Goff:

Também é preciso distinguir, em nosso instrumental linguístico e científico atual, o maravilhoso de outros termos próximos que não existiam na Idade Média e não devem ser considerados como sinônimos seus. É o caso de “fantástico” (que desde o século XIV, deriva do ilusório e mesmo do insano, à espera do século XIX para tomar, com o romantismo, o sentido de “surpreendente”, de “incrível”, e para designar um gênero literário), e de “prodigioso”, formado no século XIV também a partir do latim clássico, no qual “prodígio” era um sinal profético e, com sentido secundário, um monstro ou catástrofe. Por fim, maravilhoso opõe-se ao estranho na medida em que se mantém inexplicável e contém uma referência positiva ou negativa, frequentemente ambígua, do sobrenatural (Le Goff, 2017, p. 122).

Dessa forma, podemos apontar o maravilhoso na Idade Média como aquilo que causava admiração, não sendo insano, nem profético, mas ainda pertencente ao âmbito do sobrenatural. Suas ocorrências podem ser divididas em três fenômenos distintos: *magicum*, *miraculum* e *mirabilia*.

Para Keagan Brewer, o mágico estava ligado ao demoníaco, ao passo que o milagre, constituía o extraordinário divino, resultado da interseção dos santos e das relíquias. O último conceito, compõe as maravilhas seculares, sendo empregado aos aspectos naturais do mundo não compreendidos, a exemplo dos eclipses, dos seres humanos com deformidades físicas, e os monstros das terras distantes, os quais

eram interpretados como consequência da interferência do sobrenatural na terra, sobretudo de Deus (Brewer, 2016).

Portanto, na Idade Média, a ideia de maravilhoso causava surpresa e admiração, pois rompia com a visão do cotidiano e o conhecido, o que o torna os relatos de viagens ao Extremo Oriente, uma leitura atraente, já que foco narrativo se baseia na descrição do diferente e não-familiar. O maravilhoso, então, no cerne da descrição do diferente, move o desconhecido em direção ao conhecido, mediante um complexo sistema de representação não completamente livre, mas, ao contrário, vinculado às normas vigentes da compreensão de mundo do período.

Assim, cientes da barreira do crível e buscando agregar autoridade aos seus textos, os viajantes adicionavam descrições de monstros, pois, conforme afirma Claude Kappler: “o encontro com os monstros é central na autenticidade da experiência dos viajantes: quem não os viu, não viajou” (Kappler, 1986, p. 131)¹.

Contudo, os viajantes não somente reforçavam as noções do período, como também adicionavam novas maravilhas aos seus relatos. Nesse ponto, além do aspecto de ter testemunhado as maravilhas, a credibilidade dos seus relatos estava igualmente relacionada à necessidade de despertar em seus leitores, um sentimento de “deslumbramento” que o próprio itinerante sentiu ao testemunhar o narrado, seja um objeto, fenômeno, ou criatura desconhecida².

Odorico de Pordenone, por exemplo, descreve com a seguintes palavras um navio na cidade de Camsay:

Esta cidade tem um navio maior do que qualquer outra cidade do mundo. Todas as naves são brancas como a neve, pintadas de gesso; as hospedarias, as salas e muitas outras coisas são tão enfeitadas e belas quanto no mundo possam ser. É algo quase incrível ouvir e ver o tamanho deste navio (Pordenone, 2005, p. 320).

O maravilhoso navio causa-lhe admiração, ele próprio sente-se impactado com a grandiosidade e a brancura da embarcação. Nesse sentido, as maravilhas descritas em alguns relatos de viagem como o de Odorico Pordenone, causam, tanto uma emoção pessoal, quanto uma sensação de prazer, pois tais objetos podem [...] ser tocados, catalogados, inventariados, possuídos” (Greenblatt, 1996, p. 40).

Em razão dessa dupla sensação das maravilhas nos escritos de viagens ao Oriente na Idade Média, sucedem duas linhas de análises. Estudiosos como Claude Kappler (1986), Maria Adelina Amorim (2002), Pablo Castro Hernández (2013) e Rafael Afonso Gonçaves (2016), menos interessados na realidade das coisas narradas, buscam compreender as expectativas dos viajantes ao longo do trajeto e a reação

1. No original: “el encuentro con los monstruos es una piedra de toque de la autenticidad de una experiencia viajera: quien no los ha visto, no ha viajado” (Kappler, 1986, p. 131).

2. GREENBLATT, Stephen. **Possessões maravilhosas**: o deslumbramento do Novo Mundo. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996.

diante do que é visto. De igual modo, esses autores exploram os aspectos geográficos, destacando as localidades mais propícias às coisas maravilhosas, seus motivos, as permanências e mudanças em relação à tradição clássica antiga.

Todavia, após a década de 1990, os pesquisadores passaram a interessar-se pelas sensibilidades dos viajantes ao testemunharem ou ouvirem a respeito das distintas maravilhas. Lorraine Daston e Katherine Park (1998), Keagan Brewer (2016), são alguns desses estudiosos, cujos objetos de análise se diferem, mas concordam no entendimento das maravilhas como emoções subjetivas, resultado do contato com o não-familiar, como afirma Caroline Walker Bynum:

Portanto, o maravilhamento não é meramente uma resposta fisiológica, mas sim o reconhecimento da singularidade e significância da coisa encontrada. Somente aquilo que é realmente diferente do conhecido pode causar o maravilhamento, e mesmo assim ele sempre terá um contexto e um ponto de vista particular (Bynum, 1997, p. 3)³.

No tocante às descrições pertinentes à natureza, o maravilhoso, portanto, estava no centro do conhecimento, delimitando as coisas naturais, bem como a sensibilidade dos itinerantes do conhecido e desconhecido. Por essa razão,

[...] uma história dos questionamentos das maravilhas naturais é, portanto, uma história da ordem da natureza. Ao mesmo tempo que a história da maravilha como uma paixão dos questionamentos naturais constitui, também, uma história da evolução da sensibilidade coletiva dos naturalistas (Dastons; Park 1998, p. 14)⁴.

Nessa direção, uma vez que o centro da análise do presente capítulo são os animais maravilhosos do Oriente descritos no livro *Viagens de Jean de Mandeville* e as reações que estes provocam ao viajante, no próximo tópico discutiremos a visão de Jean de Mandeville em relação às maravilhas supostamente observadas por ele e narradas em sua obra.

OS MARAVILHOSOS E ADMIRÁVEIS ANIMAIS DO ORIENTE

Os monstros e animais considerados como maravilhosos estavam presentes nos mais variados âmbitos culturais da sociedade medieval. Habitantes das regiões pouco visitadas, a exemplo dos desertos e das florestas, se encontravam em maior número nos extremos do mundo conhecido. Assim, sempre estavam presentes nos escritos dos viajantes ao Oriente distante, até mesmo dos mais céticos, a exemplo do franciscano João de Marignolli, que, descrente da existência de seres humanos

3. No original: "(...) wonder (admiratio) as cognitive, non-appropriative perspectival and particular. Not merely 5263a physiological response, wonder was a recognition of the singularity and significance of the thing encountered. Only that which is really different from the knower can trigger wonder, yet wonder will always be in context and from a particular point of view (Bynum, 1997, p. 3).

4. No original: A history of wonders of natural inquiry is therefor also a history of the order of nature. A history of wonders as a passion of natural inquiry is also a history of the evolving collective sensibility of naturalists" (Daston; Park, 1998, p. 14).

com deformidades físicas, relata o ataque sofrido por um dragão durante a travessia de um rio:

Encontramos muitas tormentas, começando pelos demônios de São Jorge, fomos atacados por eles, por cinco ou mais vezes quase nos inundamos no fundo do mar, somente por um milagre divino escapamos. Tais coisas maravilhosas nós vimos! O mar estava como em chamas, e dragões cupidores de fogo voavam, quando passavam matavam as pessoas a bordo de outros barcos, enquanto permanecíamos intocáveis, pela graça de Deus, do virtuoso corpo de Cristo, que eu sempre carregava comigo, e pelos méritos da gloriosa Virgem e de Santa Clara (Marignolli, 1916, pp. 230-231)⁵

Descritos como demônios de São Jorge, os dragões atacaram os viajantes, matando muitos dos que estavam nos barcos, causando temor no franciscano, o qual se salva somente devido à proteção divina. Esse relato ilustra a natureza de tais criaturas, comumente associadas, na mentalidade medieval ao mal, sendo, portanto, aterrorizantes e repugnantes. Situação semelhante observamos na obra *Viagens de Jean de Mandeville*. identificadas em variados locais da Ásia, tais criaturas eram evitadas pelo cavaleiro, resultando, por exemplo, no não deslocamento por certas regiões, como o deserto posterior ao rio Buemare, nas terras posteriores a de Preste João, onde nem mil homens armados poderiam atravessar, haja vista “(...) grande quantidade de animais selvagens, enormes dragões e enormes serpentes que matam e devoram todos que se aproximem deles” (Mandeville, 2007, p. 245).

Nesse sentido, os dragões são temidos por Jean de Mandeville, tanto devido aos danos físicos que poderiam causar, quanto pelo fato de serem associados ao demoníaco, se igualando a outros animais perigosos, como as serpentes. Nem grandes recompensas tornavam tais criaturas menos temidas, como ilustra o conto da filha de Hipócrates, que habita as ilhas de Cos, transformada em dragão pela deusa Diana. Essa mulher voltaria ao seu estado normal quando um cavaleiro a beijasse. Por tal feito, receberia, além da donzela, também todas as terras daquele país. Porém, todos aqueles que realizaram referida empreitada não tiveram sucesso, sobretudo devido a aparência do monstro: [...] no momento em que a viu sair da cova com uma forma tão terrível, teve tanto medo que fugiu de novo para o barco, e ela atrás” (Mandeville, 2007, p. 54).

Outro animal considerado maravilhoso que causa repulsa em Jean de Mandeville é o crocodilo. Descrito de maneira mais pormenorizada em relação a outros animais, é considerado uma espécie de serpente amarela e comprida. Com características semelhantes aos dragões, ou seja, bestial, a criatura carrega particularidades físicas responsáveis pelo medo no viajante, diminuindo o desejo de permanecer na mesma

5. No Original: “We encountered so many storms, commencing from St. George’s Eve, and were so dashed about by them, that sixty times and more we were all but swamped in the depth of the sea, and it was only by divine miracle that we escaped. And such wondrous thigs we beheld! The sea as if in flames, and fire-spiting dragons fly by, and as they passed slew persons on board the other junks, whilst ours remained untouched, by God’s grace, and by virtue of the body of Christ which I carried with me, and thought the merits of the glorious Virgin and St. Clare (Marignolli, 1916, pp. 230-231).

região de tais seres. Para além, sua maneira de viver e de alimentar-se, essa animal causa horror:

À noite vivem na água, e de dia na terra, em rochas ou em lugares subterrâneos, e não comem nada durante o inverno, pois permanecem dormindo como se estivessem quase mortos, tal qual as serpentes. Esses animais matam pessoas e comem-nas vertendo lágrimas. Quando comem, movem as mandíbulas superior, mas não a inferior, e não têm língua (Mandeville, 2007, p. 239).

De aspecto abominável e vivendo de maneira selvagem em rochas e lugares subterrâneos, os crocodilos se alimentam da carne humana. Além da admiração, portanto, o animal, à semelhança do dragão e da serpente, causa o sentimento de repulsa, sensação essa, de acordo com Stuart Walton, que resulta de uma resposta frente a algo repugnante e abominável, associado à raiva e ao medo (Walton, 2007, p. 106).

Portanto, ligados ao diabólico e ao selvagem, os dragões, serpentes e crocodilos não apenas causava admiração em Jean de Mandeville, mas também levava ao terror e à repulsa. Algo distinto sucede frente a animais mais apreciados, tal qual a fênix. Única em todo o mundo, o cavaleiro compara esse pássaro lendário a Jesus Cristo, uma vez que, ambos, em razão de milagre, ressuscitam no terceiro dia. Assim, ao invés das qualidades físicas horripilantes e repulsivas, condições comuns às três bestas anteriormente destacadas, há a ressalva narrativa no brilho e fulgor das cores, como o amarelo reluzente, o azul, a púrpura e o vermelho, características mescladas de um (...) pássaro muito bonito de se contemplar quando tocado pelos raios de sol, pois resplandece gloriosamente" (Mandeville, 2007, p. 71).

Outro animal tido como imaginário atualmente, mas descrito por Jean de Mandeville são os grifos. Vivendo no país de *Bacharie*, os grifos são descritos da seguinte maneira:

Alguns dizem que a parte superior de seu corpo é como a da águia, a parte inferior, como a de um leão, e insistem que sabem que são dessa forma. O corpo do grifo, contudo, é maior e mais forte que oito leões desta parte de cá, e maior e mais forte que 100 águias das nossas, pois um grifo pode levar voando a seu ninho um grande cavalo, se o encontrar de pronto, ou dois bois unidos, tal como são levados no arado. Isso porque as garras de suas patas são tão grandes e compridas como os cornos dos bois ou das vacas, e delas são feitas concas para bebida. Suas costelas e as plumas de suas asas servem para fazer arcos muito resistentes para caçadas (Mandeville, 2007, p. 228).

Não testemunhando pessoalmente os grifos, mas ouvindo de pessoas "dignas de fé", Jean de Mandeville se admira com tais animais devido ao seu tamanho e força. Situação não distinta encontramos, por exemplo, nas descrições das formigas gigantes que cuidavam do ouro em uma montanha, as ratazanas gigantes, entre outros, os quais maravilham pelos excessos.

Por fim, destacamos os animais que causavam espanto em razão de suas habilidades, como os papagaios, capazes de “falar”, os pássaros que segundo Mandeville voam em “peregrinação”, além das panteras que, eram adoradas pelos idólatras e tornam o castelo do Grande Cã ainda mais extraordinário graças ao agradável odor expelido de sua pele:

Esse palácio, onde está a sede, é grandioso e maravilhoso. No seu salão há 24 colunas de fino ouro e todas as paredes do interior são cobertas de couro vermelho de uns animais chamados panteras, que são muito bonitos e de bom odor. De modo que, em razão do bom odor dessas peles, nenhum mal odor entra no palácio. Elas são vermelhas como sangue e brilham tão intensamente ao sol que só com dificuldade podem ser observadas. Muitas pessoas adoram esses animais quando se deparam com eles, em razão de seus poderes e do bom odor que exalam. Estimam essas peles tanto ou mais que se fossem de ouro (Mandeville, 2007, p. 193).

Dessa forma, os animais presentes na obra *Viagens de Jean de Mandeville* colaboram com a criação da imagem de um oriente repleto de maravilhas, as quais, além de causadoras de admiração, também levavam a outros sentimentos, como o temor e o prazer.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As interações entre a Europa e a Ásia se intensificaram após o ano mil, no primeiro momento, especialmente nas terras localizadas no Oriente Próximo, sobretudo às contíguas a Jerusalém, e, em uma segunda etapa, às regiões mais longínquas, a exemplo da China e da Índia. Nesse contexto, além da expansão no número de viajantes, se observa também o aumento no interesse dos indivíduos de saberem a respeito daqueles territórios, o que favoreceu a produção de obras cujo centro narrativo eram as coisas observadas pelos itinerantes ao longo do deslocamento. Contudo, a desagregação do império Mongol dificultou tais jornadas, resultando no surgimento de livros ficcionais de viagem, os quais não apenas mesclavam as informações disponíveis do período, como adicionavam novas perspectivas.

Desse modo, analisamos a criação da imagem do Oriente na obra *Viagens de Jean de Mandeville*. Para tanto, focamos nos aspectos maravilhosos da obra em relação aos animais observados, ou tidos como existentes através de relatos de pessoas “digna de fé”, pelo suposto cavaleiro ao longo de sua jornada. Ademais, analisamos a sensação de *admiração* a qual estava estritamente associada às maravilhas no período, percebendo, então, outras sensações causadas pelos contatos, a exemplo do temor e do prazer.

Assim, os animais associados ao demoníaco, como o dragão, a serpente e o crocodilo, além de provocarem admiração, eram causadores de temor e repulsa aos viajantes. Seus aspectos físicos são descritos como repugnantes, bem como seus

modos de viverem e se alimentarem de carne humana. Por essa razão, as regiões descritas como habitats de tais criaturas foram evitadas pelo cavaleiro.

Situação diferente sucede em relação aos animais associados ao divino, a exemplo da fênix. De pelagem fascinante, essa criatura se assemelha a Jesus Cristo, por supostamente, renascer das cinzas após três dias de sua morte

Por fim, há os animais maravilhosos devido às suas características físicas, a exemplo das formigas gigantes, que protegem o ouro de uma montanha, as ratazanas do tamanho de um cachorro, os papagaios falantes e as aves que todos os anos voam em peregrinação. Todas essas criaturas, colaboram na imagem de um Oriente maravilhoso, o qual não apenas era descrito de maneira desumanizada, ao contrário, era apresentado mediante sensações e sentimentos.

REFERENCIAS

Fontes

MANDEVILLE, Jean de. **Viagens de Jean de Mandeville**. Trad. Susani Silveira Lemos França. Bauru: Edusc, 2007.

MARIGNOLLI, João de. Recollection of travel in the East, by John de Marignolli. In: YULE, Henry. **Cathay and the way thither**: Being a collection of Medieval notices of China, nouv. éd. revue par Henri Cordier, t. 3. London: Hakluyt Society, 1916, pp. 209-269.

PORDENONE, Odorico de. Relatório. In: **Cronicas de viagem**: franciscanos no Extremo oriente antes de Marco Polo (1245-1330). Trad. Intr. e notas de Ildefonso Silveira e Ary E. Pintarelli. Porto Alegre, Bragança Paulista: EDIPUCRS/Edusf, 2005, pp. 267-336.

Bibliografia

AMORIM, Maria Adelina. Viagem e *mirabilia*: monstros, espantos e prodígios. In: CRISTÓVÃO, Fernando (Orgs.). **Condicionantes culturais da Literatura de viagens**: estudos e bibliografia. Portugal, Coimbra: Almedina; Centro de Literatura da Expressão portuguesa da Universidade de Lisboa, L3, L3. 2002, p.127-155.

BENNET. Josephine W. **The rediscovery of Sir John Mandeville**. New York: The Modern Language Association of America, 1953.

BREWER, Keagan. **Wonder and skepticism in the Middle Ages**. London-New York: Routledge, Taylor & Francis Group, 2016.

BYNUM, Caroline. Wonder. **The American historical review**, 102.1, 1997, pp. 1-26

CÓRDOBA, Joaquín M. La atracción por Oriente. In: NOVOA PORTELA, Feliciano; RUIZ DE TOLEDO, F. Javier Villalba (Orgs.). **Viajes y viajeros en la Europa Medieval**. Barcelona, España: Lunwerg Editores y CSIC, 2007, p.77-100.

DASTON, Lorraine; ARK, Katherine. **Wonders and the order of nature, 1150-1750**. New York, NY: Zone Book, 1998.

FRANÇA, Susani Silveira Lemos. **Mulheres dos outros: os viajantes cristãos nas terras a Oriente (séculos XIII-XVI)**. São Paulo: Editora Unesp, 2015.

GREENBLATT, Stephen. **Possessões maravilhosas: o deslumbramento do Novo Mundo**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996.

HERNÁNDEZ, Pablo Castro. **La idea del viaje en la Edad Media**. Una aproximación al espíritu del viajero y la búsqueda de nuevos mundos. Revista Historias del Orbis Terrarum. v. 5 Santiago, 2013. p. 64-87. Disponível em: file:///C:/Users/jorge/Downloads/Dialnet-LaldeaD elViajeEnLaEdadMedia-4518303.pdf. Acessado em: 27/09/2017.

HOWARD, Donal. The world of Mandeville's Travels. **The yearbook of English studies**, vol. 1, 1971, pp. 1-17.

KAPPLER, Claude. **Monstruos, demonios y maravillas a fines de la Edad Media**. Madrid, España; Ediciones Akal, 1986

LOPES, Paulo. Ordenas o mundo pela fronteira imaginada: o caso do Livro do Conhecimento. **História de fronteira**, n.2, 2016, pp. 14-35.

LE GOFF, Jacques. **O maravilhoso e o quotidiano no Ocidente medieval**. Lisboa, Portugal: Edições 70, 1985.

_____. Maravilhoso. In: LE GOFF, Jacques; SCHIMIT, Jean-Claude. (Orgs.). **Dicionário analítico do Ocidente medieval**. São Paulo: Editora Unesp, 2017, p. 120-139.

WALTON, Stuart. **Uma história das emoções**. Rio de Janeiro: Record, 2007.